

● DEMOGRAFIA

Última década com menos 36.370 nascidos do que há 50 anos

FRANCISCO JOSÉ CARDOSO
fcardoso@dnocias.pt

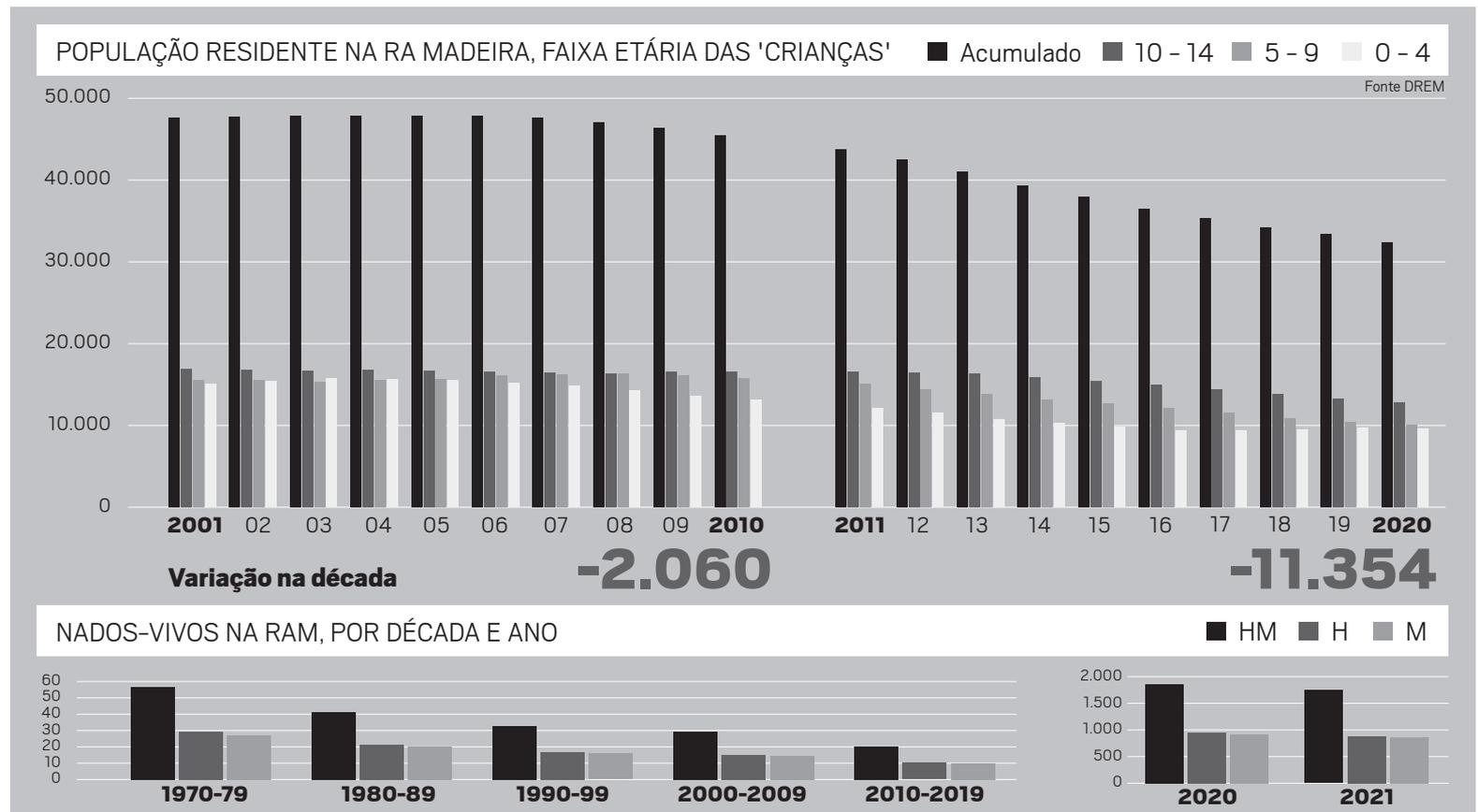
Todos os madeirenses já terão ouvido falar do saldo natural na Região que, em 2021, foi o mais baixo em mais de 50 anos (-1.131 de diferença entre nados-vivos e óbitos), tendo nascido no ano passado um total de 1.744 crianças, o segundo mais baixo no mesmo período iniciado em 1970. Perante este cenário que vem degradando o número de crianças madeirenses, na última década (2010-2019) a Madeira tinha tido menos 36.370 nascimentos face ao período 1970-1979. É uma quebra de 64,4% e que cava um fosso irreparável na sociedade madeirense.

Das crianças nascidas na década de 1970 a 1979, alguns até já podem ter netos nascidos na década de 2010 a 2019, pois teriam 49 anos em 2019, ano em que os seus filhos nascidos na década de 1990 já poderiam ser pais. Mas a verdade é que a probabilidade de isso acontecer nos dias de hoje é muito diminuta, porque efectivamente os madeirenses têm filhos cada vez mais tarde, mas sobretudo cada vez menos. Ou seja, os nascidos na década de 1970-79 terão sido pais, inclusive, na década de 2010-19.

Para se perceber a situação ainda mais dramática, atentemos a estes dados que retiramos de dois estudos. As Projeções de População Residente 2018-2080 na Região Autónoma da Madeira apontam que “a evolução da população seguirá a tendência decrescente nacional. No cenário central, prevê-se que a população madeirense passe de 253,9 mil pessoas, em 2018, para 162,8 mil pessoas, em 2080. Isto significa que neste período de 62 anos, a população da Região deverá ser reduzida em 35,9%, significando uma perda de cerca de 91,2 mil pessoas”. Previa-se que a população da RAM evoluiria, no pior cenário, para 250.711 em 2025.

Isto era uma projecção feita em 2018. Ora, os Censos 2021, cujos inquéritos foram realizados presencial e virtualmente, mostram que “a população residente na Região era de 250.769 habitantes, representando um decréscimo de 6,4% face a 2011 (os Censos anteriores). Ou seja, o pior cenário da Projecção foi alcançado bem antes do previsto nos Censos.

Outro indicador a acrescentar a este cenário é a disponibilidade das



mulheres madeirenses em ter filhos. Primeiro, analisemos o número de mulheres nascidas na década de 1970 e na última década. Foram menos 17.323, o que dá uma diminuição de 63,6% (no mesmo período nasceram menos 19.207 homens, caindo 65,3%).

Ora, no Inquérito à Fecundidade (IFEC) realizado em 2019 pela Direcção Regional de Estatística da Madeira, conclui-se que a “esmagadora maioria das mulheres residentes na Região com idade entre 18 e 49 anos considera que a natalidade deve ser incentivada ao nível da população em geral”, pelo que não é de estranhar o facto de entre “2013 e 2019, a proporção de mulheres sem filhos aumentou de 36,4% para 45,7%” e que “cerca de 69% das mulheres residentes na Região está ainda longe de alcançar a sua fecundidade desejada ao longo da vida”.

Mais, “embora apenas 30,3% das mulheres tenham 2 ou mais filhos, a maioria espera (61,3%) e desejaria (79,5%) ter pelo menos dois filhos ao longo da vida e, também, considera 2 ou mais filhos como número ideal de filhos numa família (98,1%)”. Contudo, “as mulheres dos 18 aos 49 anos, residentes na Região, actualmente, não chegam a ter um filho

Lacuna geracional resulta numa diminuição de 64,4% no número de nados-vivos



em média (0,96), mas pensam (1,74) e desejariam (2,14) ter mais filhos ao longo da vida e, também, reportam ‘ideais’ mais elevados (2,60 filhos, em média)”. A renovação geracional com estes números está claramente comprometida.

Voltando ao início, e analisando as últimas duas décadas, em termos de crianças (dos 0 aos 14 anos) residentes na Madeira, entre 2001 e 2010, a população nessa faixa etária diminuiu em 2.060. Na década seguinte (entre 2011 e 2020) o número de crianças baixou em 11.354.

Os dados neste indicador recuam no máximo até 1990. Nesse ano havia 62.657 crianças com idades entre os 0 e os 14 anos. Trinta e um anos depois (em 2020), a Região Autónoma da Madeira tinha 32.377 residentes mais jovens. Ou seja, em três décadas perderam-se 30 mil residentes da população dos 0 aos 14.

No já referido Inquérito à Fecundidade, 94,1% das mulheres, dos 18 aos 49 anos, considerava que a natalidade devia ser incentivada ao nível da população em geral, ou seja “devem existir ajudas para que as pessoas tenham mais filhos”.

“No âmbito das condições de trabalho, a medida de incentivo mais comumente referida pelas mu-

heres como importante ou a mais importante foi ‘flexibilizar os horários de trabalho para mães e pais com filhos pequenos’ (82%)”, recuperamos dados já noticiados anteriormente.

“Sobre o acesso a serviços para ocupação dos filhos (creches, jardins-de-infância e ATL), a maioria das mulheres considerou importante ou mais importante alargar a rede e o acesso a esses serviços (78,9%)” e que “no contexto dos rendimentos das famílias com filhos, a medida ‘aumentar os subsídios relacionados com educação, saúde, transporte, habitação e alimentação dos agregados com filhos’ foi apontada como importante ou a mais importante por 77,5% das mulheres”.

Por fim, entre outras medidas, “77,9% das mulheres indicou como medida importante ou a mais importante para incentivar a natalidade ‘atribuir incentivos fiscais às entidades empregadoras com práticas de gestão que apoiem trabalhadores com filhos’”.

Ainda que mais medidas sejam implementadas, mudar o actual contexto em escala para reverter as taxas de natalidade, exigiria uma alteração de mentalidades das actuais e futuras gerações.